

# PARTE I

Aqui





No primeiro dia de setembro, o mundo ficou escuro.

Mas de onde estava na escuridão, as costas contra a parede metálica do elevador, Lucy Patterson ainda não tinha como saber a extensão do blecaute.

Não podia imaginar, naquele momento, que ultrapassava o prédio onde ela havia morado a vida inteira, se espalhando pelas ruas, onde os sinais de trânsito tinham se apagado e o zumbido dos aparelhos de ar condicionado, cessado, deixando um silêncio estranho e pulsante. As pessoas já saíam para as extensas avenidas que se estendiam por toda a ilha de Manhattan, abrindo caminho até suas casas, como salmões nadando rio acima. Em toda a ilha, buzinas de automóveis enchiam o ar, e janelas se abriam; e dentro de milhares e milhares de freezers, o sorvete começava a derreter.

A cidade inteira havia sido apagada como uma vela, mas, do cubículo sem luz que era o elevador, dificilmente Lucy saberia disso.

Sua primeira reação não foi preocupar-se com o violento solavanco que os prendera entre o décimo e o décimo primeiro andar, fazendo com que todo o compartimento rangesse como um carrinho de montanha-russa. E tampouco foi pensar em como escapar, pois, se havia algo confiável no mundo — muito mais até que os próprios pais —, era o pequeno exército de

porteiros do edifício, que jamais falhara em cumprimentá-la ao chegar da escola, ou lembrá-la de levar um guarda-chuva quando o céu ameaçava chover, homens sempre dispostos a correr até lá em cima e matar uma aranha, ou ajudar a desentupir o ralo do boxe.

Em vez disso, o que ela sentiu foi uma espécie de arrependimento profundo por ter se apressado a fim de pegar aquele elevador em particular, por ter corrido pela portaria de chão de mármore e chegado às portas pouco antes de elas se fecharem. Se ao menos tivesse esperado o seguinte, ainda estaria lá embaixo, especulando com George — que trabalhava no turno da tarde — a respeito de qual teria sido a causa da falta de energia, em vez de presa naquele pequeno espaço retangular com alguém que sequer conhecia.

O garoto não havia erguido o rosto para olhar para ela quando, poucos minutos antes, entrara. Em vez disso, manteve os olhos fixos no carpete cor de vinho enquanto as portas se fechavam com um ruído característico. Ela se posicionou nos fundos do elevador sem cumprimentá-lo, e, no silêncio que se seguiu, pôde ouvir as batidas baixas da música que vinha de seus fones de ouvido enquanto a parte de trás da cabeça loura, quase branca, balançava com elas, só de leve, sem realmente acertar o ritmo. Ela já vira o garoto antes, mas aquela era a primeira vez em que se dava conta de como ele parecia um espantalho, alto e magro, braços e pernas de aparência flexível, um desenho feito de linhas e ângulos amalgamados no formato de um adolescente.

Ele tinha se mudado no mês anterior, e, do lugar cativo na cafeteria vizinha ao edifício, certo dia ela o havia visto com o pai, levando uma pequena coleção de móveis pela calçada suja de chiclete. Ela sabia que tinham contratado um novo administrador para o prédio, mas não que ele traria o filho também, muito menos um filho que parecia ter sua idade. Quando tentou arrancar mais informações dos porteiros, tudo o que descobriu era que os dois tinham algum parentesco com o dono do edifício.

Lucy o notou algumas outras vezes depois daquele dia — perto das caixas de correio, ou passando pelo lobby, ou esperando o ônibus —, mas, ainda que fosse o tipo de garota que se sente à vontade para se aproximar e se apresentar, havia algo de vagamente inacessível nele. Talvez fossem os fones de ouvidos, que parecia usar sempre, ou o fato de que ela nunca o vira conversar com ninguém; talvez fosse a forma como entrava e saía quase furtivamente do prédio, com a maior rapidez, como se estivesse desesperado para não ser pego, ou a expressão distante em seus olhos quando ela o avistou na estação do metrô. Qualquer que fosse a razão, a ideia de conhecê-lo — ou até mesmo de dizer algo tão inofensivo quanto um “olá” — parecia a Lucy improvável por motivos que não podia articular com muita clareza.

Quando o elevador subitamente parou, seus olhos se encontraram, e, apesar da situação, ela se surpreendeu imaginando — ridiculamente — se ele a teria reconhecido também. Mas em seguida as luzes acima da cabeça deles se apagaram, e os dois ficaram ali no escuro, piscando os olhos, o piso ainda tremendo abaixo deles. Houve alguns ruídos metálicos vindos de cima — duas pancadas altas seguidas de uma batida aguda —, e depois algo pareceu assentar; salvo pelas batidas fracas da música dos fones do garoto, tudo ficou em silêncio.

Enquanto seus olhos se acostumavam ao escuro, Lucy conseguiu ver quando ele franziu a testa e tirou os fones. Ele olhou de relance na direção dela antes de virar o rosto para o painel de botões, apertando alguns deles com o dedão. Quando se recusaram a se acender, o garoto finalmente apertou o botão vermelho de emergência, e os dois inclinaram a cabeça, esperando o interfone dar sinal de vida.

Nada aconteceu, e ele apertou outra vez, depois mais uma. Até que ergueu os ombros, como se desistisse.

— Deve ter sido no prédio inteiro — disse ele, sem se virar.

Lucy baixou os olhos, tentando evitar a pequena seta vermelha acima da porta, posicionada em algum ponto entre os números 10 e 11. Estava se esforçando ao máximo para não

pensar no poço do elevador lá embaixo, ou nos grossos cabos tensionados acima deles.

— Tenho certeza de que já estão resolvendo — assegurou ela, embora não estivesse absolutamente certa daquilo. Já ficara presa antes, mas nunca em um apagão, e agora sentia as pernas bambas, o estômago amarrado em um nó. O ar já parecia muito quente, e o espaço, pequeno demais.

Lucy pigarreou.

— Bem, George está lá embaixo e...

Owen virou o rosto para ela, e, mesmo estando escuro demais para distinguir detalhes, Lucy podia enxergá-lo com mais e mais clareza a cada minuto. Lembrou-se de uma experiência que sua turma do quinto ano fez na aula de ciências: o professor colocou uma balinha de menta nas palmas das mãos em concha de cada um dos alunos, desligou as luzes e instruiu-os a mordê-las com força... então uma série de pequeninas faíscas iluminou o cômodo. Era assim que ela o via naquele momento; os dentes brilhando ao falar, o branco dos olhos vivo e iluminado em contraste com a escuridão.

— É, mas se foi no prédio inteiro, então pode demorar — ponderou o garoto, encostando-se contra a parede. — E meu pai não está em casa agora à tarde.

— Meus pais também não — comentou Lucy, e mal conseguiu distinguir a expressão no rosto dele, um olhar estranho em sua direção.

— Só falei porque ele é o administrador — explicou. — Mas ele está perto, no Brooklyn, então com certeza vai voltar logo.

— Você acha que... — começou ela, sem ter certeza de como formular a pergunta. — Acha que a gente fica bem até lá?

— Acho que a gente vai ficar numa boa — respondeu ele, a voz tranquilizadora; em seguida, com um tom de quem está achando graça, acrescentou: — A menos que você tenha medo de escuro, claro.

— Por mim tudo bem — disse Lucy, as costas deslizando pela parede até sentar-se no chão, descansando os cotovelos nos

joelhos. Tentou dar um sorriso, que saiu um pouco trêmulo. — Me disseram que os monstros preferem armários a elevadores.

— Então acho que estamos salvos — brincou ele, sentando-se também, encostado na parede oposta. Pegou o celular do bolso, e, na luz fraca, os cabelos brilharam esverdeados ao inclinar a cabeça para a tela. — Sem sinal.

— Geralmente o sinal é instável aqui no prédio — disse Lucy, movimentando-se para pegar o próprio telefone, antes de se dar conta de que o esquecera em casa. Tinha descido apenas para pegar a correspondência, uma corridinha rápida até o saguão e de volta para cima, e agora tinha a sensação de que aquele era um momento particularmente ruim para estar de mãos vazias.

— Então — começou Owen, recostando a cabeça na parede. — Você vem sempre aqui?

Ela riu.

— Já passei um bom tempo aqui neste elevador, sim.

— Acho que vai ficar mais ainda — comentou ele, com um sorriso pesaroso. — Meu nome é Owen, aliás. Acho que é melhor a gente se apresentar direito de uma vez. Assim não tenho que chamar você de “A Garota do Elevador” sempre que for contar esta história.

— “A Garota do Elevador” não é mau — ponderou ela. — Mas Lucy também funciona. Moro no 24D.

Ele hesitou por um momento, depois deu de ombros de leve.

— Moro no subsolo.

— Ah, sim — respondeu ela, lembrando-se do detalhe tarde demais, e agradeceu por estar na escuridão, que escondeu as bochechas vermelhas. O prédio era como um pequeno país, e aquela era a moeda corrente; era praxe não dar apenas seu nome ao se apresentar, mas o número de apartamento também. Acontece que ela esquecera que o administrador sempre ficava no pequeno apartamento de dois quartos no subsolo, um andar aonde Lucy nunca tinha ido.

— Caso esteja se perguntando por que eu estava subindo — comentou ele depois de um momento —, é porque cheguei à conclusão de que a vista é bem melhor lá do terraço do prédio.

— Achei que era proibido ir até lá.

Ele guardou o celular no bolso e tirou de lá uma chave solitária, estendendo-a sobre a palma aberta.

— Verdade — concordou ele, com um grande sorriso. — Tecnicamente falando.

— Tem amigos no alto escalão, hein?

— Está mais para o baixo escalão — retrucou ele, guardando a chave. — Subsolo, lembra?

Dessa vez, ela riu.

— Mas o que é que tem lá em cima, afinal?

— O céu.

— Você tem a chave para o céu? — perguntou ela, e ele entrelaçou os dedos, levantando os braços acima da cabeça a fim de se esticar e alongar.

— É assim que impressiono as garotas que conheço no elevador.

— Bem, está funcionando — respondeu Lucy, achando graça. Observando-o ao longo das últimas semanas, estudando-o de longe, tinha imaginado que era um cara tímido e fechado. Mas sentados ali, sorrindo um para o outro no escuro, ela se deu conta de que havia se enganado. Ele era engraçado e um pouco estranho, o que, no momento, não parecia o pior tipo de pessoa com quem acabar presa em um cubículo.

— Se bem que — acrescentou ela — ia ficar bem mais impressionada caso você pudesse tirar a gente daqui.

— Eu também — respondeu ele, erguendo os olhos para sondar o teto. — O mínimo a esperar é que eles colocassem uma musiquinha para a gente, né?

— Se for para colocarem qualquer coisa aqui dentro, tomara que seja um pouco de ar fresco.

— É, a cidade inteira está um forno — concordou. — Nem parece setembro.

— Eu sei. Difícil de acreditar que as aulas começam amanhã.

— É, as minhas também. Isso se a gente conseguir sair daqui um dia.

— Onde você estuda?

— Provavelmente não na mesma escola que você.

— Bem, espero que não — respondeu ela, com um sorrisinho. — A minha é só para garotas.

— Então, definitivamente não é a mesma — concluiu Owen.

— Mas eu já sabia.

— Como assim?

— Bem — começou ele, gesticulando com a mão. — Você mora aqui.

Lucy ergueu as sobrancelhas.

— No elevador?

— Neste prédio — respondeu Owen, fazendo uma expressão engraçada.

— Você também.

— Acho que seria mais correto dizer que eu moro *sob* o prédio — brincou. — Mas aposto que você estuda em alguma dessas escolas particulares chiques, onde todo mundo usa uniforme e se preocupa com a diferença entre 9,5 e 10.

Ela engoliu em seco, sem ter certeza do que responder, uma vez que era verdade.

Tomando o silêncio por consentimento, ele inclinou a cabeça como se dissesse *não falei?*, depois deu de ombros de leve.

— Estudo naquela que fica na 112<sup>th</sup> Street e parece um bunker, onde todo mundo tem que passar por detectores de metal e se preocupar com a diferença entre 5 e 6.

— Com certeza não vai ser tão ruim — disse ela. Ele retesou o maxilar. Mesmo com a escuridão, algo em sua expressão fez com que desse a impressão de que era muito mais velho do que tinha aparentado momentos antes, mais amargo e cínico.

— A escola ou a cidade?

— Você não parece muito animado com nenhuma das duas.

Owen olhou para as mãos, que descansavam entrelaçadas como um nó sobre os joelhos.

— É só que... O plano não era bem esse — confessou ele. — Mas ofereceram o trabalho para meu pai, e aqui estamos nós.

— Não é assim tão ruim — argumentou ela. — Sério. Você vai achar do que gostar.

Ele balançou a cabeça.

— Essa cidade é cheia demais. Não dá para respirar aqui.

— Acho que você está confundindo a cidade com o elevador.

O cantinho da boca de Owen tremeu e se repuxou, mas depois ele voltou a franzir a testa.

— Não tem nenhum espaço aberto.

— Tem um parque enorme a poucos quarteirões daqui.

— Não dá para ver as estrelas.

— Tem sempre o planetário para essas coisas — respondeu Lucy, e, mesmo contra a vontade, ele riu.

— Você é sempre tão implacavelmente otimista, ou só quando o assunto é Nova York?

— Morei aqui minha vida toda — respondeu ela, dando de ombros. — É o meu lar.

— Não é o meu.

— Mas não é por isso que você precisa bancar o papel de forasteiro mal-humorado.

— Não é um papel — replicou ele. — Eu *sou* o forasteiro mal-humorado.

— Dê uma chance à cidade, Bartleby.

— *Owen* — corrigiu ele, parecendo indignado, e ela riu.

— Eu sei — respondeu. — Mas você está fazendo igualzinho ao Bartleby do conto. — Esperou para ver se ele reconheceria, depois tentou outra vez: — De Herman Melville? Autor de *Moby Dick*?

— *Disso* eu sei — disse ele. — Quem é Bartleby?

— Um escrivo — explicou ela. — Tipo um funcionário de repartição. Mas, durante toda a história, sempre que alguém perguntava alguma coisa a ele, ele só respondia “prefiro não fazer”.

Ele refletiu a respeito daquilo por um instante.

— Pois é — respondeu enfim. — Isso mais ou menos resume como me sinto a respeito de Nova York.

Lucy assentiu.

— Você preferiria não — disse ela. — Mas é só porque é uma coisa nova. Quando você conhecer melhor a cidade, acho que vai gostar daqui.

— É agora que você insiste em me levar para um tour pela cidade, e a gente ri e aponta para todos os lugares e monumentos famosos, depois compro uma camiseta com a frase “Eu ♥ NY” e vivemos felizes para sempre?

— A camiseta é opcional.

Durante um longo momento, os dois se entreolharam de seus lugares opostos no espaço apertado, e depois, finalmente, ele balançou a cabeça.

— Foi mal. Sei que estou sendo um babaca.

Lucy deu de ombros.

— Tudo bem. A gente coloca tudo na conta da claustrofobia. Ou da falta de oxigênio.

Ele sorriu, mas havia algo de forçado no sorriso.

— É que tem sido um verão bem difícil. E acho que ainda não me acostumei com a ideia de estar aqui.

Os olhos dele encontraram os dela na escuridão, e subitamente o elevador pareceu ainda menor que minutos antes. Lucy pensou em todas as outras vezes em que ficou naquele espaço apertado ao longo dos anos: com mulheres de casacos de pele e homens de ternos caros; com cachorrinhos brancos de coleira cor-de-rosa e porteiros empurrando carrinhos com caixas pesadas. Certa vez até derramou uma caixinha inteira de suco de laranja no carpete naquele mesmo ponto onde Owen estava sentado, o que fez com que o elevador fedesse por dias, e, outra vez, quando era pequena, escreveu na parede seu nome com caneta hidrográfica verde, para o desespero da mãe.

Leu as últimas páginas dos livros favoritos ali, chorou por todo o tempo de subida e riu por todo o tempo de descida,

ficou de conversa fiada com mil vizinhos diferentes em mil dias diferentes. Brigou com os dois irmãos mais velhos, dando chutes e arranhões, até a porta abrir-se com seu “ding” característico e os três saírem como perfeitos anjinhos. Descia sempre para receber o pai quando este chegava de suas viagens de negócios, e, em certa ocasião, chegou até a cair no sono em um canto enquanto esperava os pais voltarem de um leilão de caridade.

E quantas vezes todos eles ficaram apertados ali dentro juntos? O pai, com o jornal dobrado sob o braço, sempre perto da porta, pronto para irromper elevador afora; a mãe, com um sorriso discreto no rosto, achando graça, mas, ao mesmo tempo, impaciente com o resto da família; os gêmeos, sorrindo com malícia enquanto se acotovelavam um ao outro; e Lucy, a mais nova, contra um dos cantos, sempre atrás de todos, como uma eclipse ao fim de uma frase.

E ali estava ela, em uma caixa pequena demais para comportar tantas lembranças, as paredes fechando-se sobre si e ninguém ao resgate. Como sempre, os pais estavam do outro lado do oceano, em Paris, naquele tipo de viagem que só incluía os dois. E os irmãos — seus únicos amigos de fato — se encontravam agora a milhares de quilômetros de distância, na universidade.

Quando foram embora algumas semanas antes — Charlie a caminho de Berkeley, e Ben, de Stanford —, Lucy não pôde deixar de se sentir um pouco órfã de repente. Não era incomum os pais se ausentarem; sempre tiveram o hábito de voar até cidades europeias cobertas de neve, ou ilhas tropicais exóticas, sozinhos. Mas ser deixada para trás nunca parecia tão ruim quando estavam os três juntos, e eram sempre os irmãos — dois palhaços, protetores e amigos — que evitavam o desmoronamento de tudo.

Até então. Ela estava acostumada a ficar sem os pais, mas ficar sem os irmãos — e, portanto, sem amigos — era totalmente novo, e perder os dois ao mesmo tempo parecia injusto. Agora, a família se espalhava de maneira irremediável, e de onde esta-

va — sozinha em Nova York —, naquele exato instante, Lucy sentiu profundamente, como se pela primeira vez: a magnitude do mundo, toda a sua grande extensão.

Do outro lado do elevador, Owen descansava a cabeça contra a parede.

— As coisas são como são... — murmurou ele, deixando as palavras morrerem no final.

— Odeio essa expressão — comentou Lucy, com um pouco mais de agressividade que pretendia. — Nada é o que é. As coisas estão sempre mudando. Elas sempre podem melhorar.

Owen olhou em sua direção, e Lucy pôde notar que ele sorria, mesmo enquanto balançava a cabeça em negativa.

— Você é totalmente doida — disse Owen. — Estamos presos em um elevador quente e abafado, talvez no fim do oxigênio. Estamos pendurados por um cabo que com certeza é mais fino que meu pulso. Seus pais estão sabe-lá-onde, e o meu, em Coney Island. E, se ninguém veio ajudar a gente até agora, é bem provável que já tenham se esquecido totalmente de nossa existência. Então, sério, como você ainda consegue ser tão otimista?

Lucy desencostou da parede do elevador, sentando-se sobre as pernas dobradas e debruçando-se para a frente.

— Por que seu pai foi até Coney Island? — perguntou, ignorando a pergunta dele.

— Isso não vem ao caso.

— Por causa das montanhas-russas?

Ele balançou a cabeça.

— Os cachorros-quentes? O mar?

— Você não está nem um pouco preocupada com o fato de ninguém vir nos salvar?

— Não vai ajudar em nada — disse ela. — Ficar me preocupando.

— Exato — concordou ele. — As coisas são como são.

— Não — refutou Lucy. — Nada é o que é.

— Está bem. Não é o que não é.

Lucy olhou demoradamente para ele.

— Não tenho nem ideia do que você está falando.

— Ou vai ver você simplesmente prefere não ter — disse ele, inclinando o corpo mais para a frente também, e os dois riram. De repente, a escuridão entre eles pareceu menos intensa, delicada como um lenço de papel, e ainda menos tangível. Os olhos dele brilhavam no escuro enquanto o silêncio se instalava entre os dois, e, quando finalmente falou, a voz parecia sufocada.

— Ele foi a Coney Island porque foi lá que conheceu minha mãe — revelou. — Comprou flores para deixar no calçadão. Queria fazer isso sozinho.

Lucy abriu a boca para dizer algo; fazer uma pergunta, talvez, ou dizer a Owen que sentia muito, uma expressão boba demais para significar qualquer coisa em um momento assim. Mas o silêncio pareceu subitamente frágil, e ela não conseguiu pensar em nada bom o bastante para quebrá-lo.

Owen estava com a cabeça baixa, tornando difícil decifrar a expressão em seu rosto. Sentada ali, sem ideia do que fazer, Lucy sentiu-se inútil. Então de repente uma batida fraca fez com que seu coração subisse à garganta, e os olhos dele encontraram os dela no escuro.

O som se repetiu, e Owen ficou de pé, aproximando-se da porta, e colou a orelha contra ela. Bateu em resposta, e os dois ficaram ouvindo. Mesmo de onde estava, ainda sentada, entorpecida no meio do piso do elevador, Lucy podia ouvir as vozes abafadas lá fora, seguidas pelo som de algo metálico arranhando. Depois de um momento Lucy também se levantou, e, sem qualquer palavra, sem mesmo se olharem, ficaram daquele jeito, lado a lado, ombros colados, como dois astronautas ao fim de uma longa viagem, aguardando a abertura das portas para saírem em direção a um estonteante mundo novo.